

# Ser jornalista na Colômbia hoje<sup>1</sup>



*Raúl Hernando Osorio Vargas*

*Doutor em Comunicação (ECA-USP)  
Professor Associado de Jornalismo da  
Universidade de Antioquia (Medellín-Colômbia)  
E-mail: osoriova@gmail.com*

**Resumo:** A profissão de jornalista é uma das mais perigosas na Colômbia. A impunidade frente à assassinatos, intimidações, ameaças, exílios e em geral, de todo tipo de perseguição, faz do jornalismo uma atividade complexa e com grandes desafios. Mas é na inter-relação com os diversos setores da vida social, que o jornalismo colombiano poderá superar essa situação. Como sistema aberto e disciplina encontrará e construirá os caminhos para sua identidade, não só na Colômbia, mas na América Latina, ao elaborar um projeto de transculturação jornalística, que consolide os novos espaços democráticos de nossa profissão no mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Liberdade de imprensa, jornalismo transcultural, democracia.

*Ser periodista en Colombia hoy*

**Resumen:** La profesión de periodista es una de las más peligrosas en Colombia. La impunidad frente a los asesinatos, intimidaciones, amenazas, exilios y en general, de todo tipo de persecución, hace del periodismo una actividad compleja y con grandes desafíos. Pero es en la interrelación con los diversos sectores de la vida social, que el periodismo colombiano podrá superar esa situación. Como sistema abierto y disciplina encontrará y construirá los caminos para su identidad, no solo en Colombia, sino en América Latina, al elaborar un proyecto de transculturación periodística que consolide los nuevos espacios democráticos de nuestra profesión en el mundo contemporáneo.

**Palabras clave:** Libertad de prensa, periodismo transcultural, democracia.

*Being a journalist in Colombia today*

**Abstract:** The journalistic profession is one of the most dangerous in Colombia. Impunity front of killings, intimidation, threats, exile and in general, all kinds of persecution, is a complex activity of journalism and great challenges. But is in the interrelationship with the various sectors of social life, the Colombian journalism can overcome this situation. As an open system and discipline and find the ways to build your identity, not only in Colombia but in Latin America, to develop a journalistic transcultural project, consolidating the new democratic spaces of our profession in the contemporary world.

**Keywords:** Freedom of the press, cross-cultural journalism, democracy.

O jornalismo não é um circo para se exibir, nem um tribunal para julgar, nem uma assessoria para governantes ineptos ou vacilantes, senão um meio de informação, um caminho para pensar, para criar, para ajudar ao homem em seu eterno combate por uma vida mais digna e menos injusta.

Tomas Eloy Martínez (1934-2010)

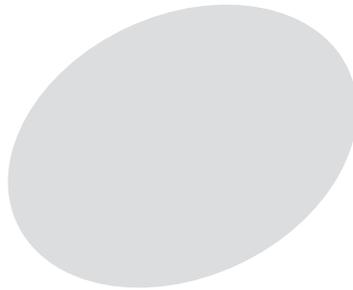
<sup>1</sup> Conferência de Abertura 10º interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero, sexta-feira, 7 de novembro de 2014, fundamentada na pesquisa “Impunidade e Imprensa na Colômbia”, coordenada pelos professores Gonzalo Medina Pérez e Raúl Osorio Vargas, com à participação dos jornalistas Katalina Vásquez Guzmán, Clara Crizón Klapcsik, Edna Liliana Guerrero Caicedo e Juan David Ortiz Franco, da Universidade de Antioquia, para à Sociedade Interamericana de Imprensa -SIP-. Pesquisa que foi premiada por sua qualidade e apresentamos o dia 26 de março de 2012, em Washington, no simpósio “O sistema interamericano y a liberdade de expressão”, que organizou a SIP, a American University, a Stanford University e a Comissão Interamericana de Direitos Humanos. A pesquisa completa pode-se consultar em: <[http://www.impunidad.com/conferencias\\_pdf.php?idioma=sp](http://www.impunidad.com/conferencias_pdf.php?idioma=sp)>. e <[http://www.impunidad.com/PDF\\_conferencia\\_puebla/06.UdeA.pdf](http://www.impunidad.com/PDF_conferencia_puebla/06.UdeA.pdf)>.

Uma imprensa livre pode ser boa ou ruim; mas certamente sem liberdade, uma imprensa nunca será nada além de ruim.

Albert Camus (1913-1960)

Nas últimas décadas os programas de Comunicação Social – Jornalismo têm crescido de maneira acelerada na América Latina. Já no ano 2005 existiam mais de mil programas na região com uma população estudantil que superava os quinhentos mil alunos, segundo dados da FELAFACS. Na Colômbia existem mais de 15 mil estudantes que cursam seus estudos em 70 programas no país, segundo

*De igual modo, as denúncias de corrupção que fazem os jornalistas têm-se convertido também em outra ameaça séria contra sua vida*



a Associação Colombiana de Faculdades de Comunicação, AFACOM. Dentro das opções ocupacionais que oferecem esses programas, o jornalismo tem-se convertido na profissão mais atrativa para muitos jovens. A pesar desse extraordinário interesse pelo jornalismo não só na América Latina, porem também na Colômbia, muito é o que se desconhece da profissão na região.

Desde a pré-história do jornalismo (1631-1789) – caracterizada pela economia elementar e uma produção artesanal – à contemporaneidade (1960 em diante), com a profissionalização do jornalismo, passaram os tempos em que tínhamos a ideia de que o jornalista nasce e se faz só na prática.

Em nossa época marcada pela informação eletrônica e interativa, como ampla utilização da tecnologia, mudança das funções do jornalista, muita velocidade na transmissão de informações, valorização do visual e

crise da imprensa escrita; podemos afirmar que pelo menos tem quatro elementos fundamentais no exercício do jornalismo no mundo globalizado: o vital, a competência, o relacional e o político. O primeiro refere-se ao absorvente da profissão que leva aos jornalistas a assumi-lo como um estilo de vida onde não há cabida para nenhuma outra atividade. O fator competência refere-se não só as habilidades e destrezas que demanda a profissão, mas também a capacidade de auto regulação em termos associativos. O aspecto relacional faz referência a interação entre o jornalista e seus colegas. Aspecto muito importante já que são os pares que avaliam o trabalho que está realizando o jornalista. O fator político refere-se a que os meios podem influir na sociedade e tem por tanto um conteúdo político, sendo este um elemento que traz consigo sua carga de tensão no jornalista.

Na Colômbia quatro categorias macro emergem dessa análise: a institucional, a formativa, a pessoal e as ameaças contra a profissão. Desde a perspectiva institucional, os jornalistas mostram sua inconformidade pelas inumeráveis situações do contexto laboral e institucional. Circunstâncias como a precária remuneração, falta de políticas de promoção no meio, carência de recursos para trabalhar, desconhecimento das horas extras e pressão institucional inclusive, nos conteúdos, são expressadas pelos jornalistas. Assim mesmo, é evidente o descontento por umas exigências institucionais, que cada vez privilegiam mais o interesse comercial que o informativo.

Na categoria formativa, evidencia-se o descontento dos jornalistas com o imaginário social que existe da profissão. Os jornalistas se queixam de que a carreira é vista como “algo residual” que muitas pessoas estudam ou chegam nela de outros programas porque “não tem matemáticas” e não é “tão exigente”.

De igual modo, emerge a preocupação da abundância de “pessoas corriqueiras” que

estudam a carreira levadas pelo glamour de estar na TV. Para alguns jornalistas, as faculdades de jornalismo não oferecem uma formação suficientemente sólida, para todo o que exige a profissão. Propõem que o jornalismo seja levado ao nível da pós-graduação, para melhorar a qualidade da formação dos jornalistas.

Desde a perspectiva pessoal, os jornalistas expressam uma grande inconformidade pelo absorvente da profissão. É evidente que para muitos a vida familiar e pessoal tem sido afetada grandemente pelas exigências da profissão. Mulheres e homens divorciados e “solitários” são o denominador comum de algumas salas de redação. Com tudo, os jornalistas ratificam o enorme compromisso social que significa exercer a profissão. Em algumas regiões, os jornalistas servem de ponte com as instituições governamentais para solucionar problemas concretos da comunidade, indo mais longe do que se tem denominado jornalismo cívico.

No relacionado com a categoria ameaças para exercer a profissão surgem diversos fatores que debilitam o trabalho do jornalista. As expressões, próprias do que constitui o conflito armado na Colômbia, devemos agregar a figura dos paramilitares, surgidos como resposta extra institucional à atuação da insurgência, e de uma nova modalidade de organização delitiva cujo nome é tão preciso como difuso: falo das “bandas criminais” - as bacrim-, denominação que conjuga interesses do narcotráfico, os paramilitares e a delinquência comum.

São esses alguns elementos contextuais que contribuem a desenhar o perfil do conflito armado na Colômbia, ponto de referência obrigatório para dirigir o olhar sobre o exercício do jornalismo e suas circunstâncias, entre elas as garantias para praticá-lo em liberdade e também os fatores que atacam contra esse preceito.

De uma parte, o jornalismo radial tem sido o mais afetado, já que muitos jornalistas recebem uma percentagem publicitária

como parte de pago, ocasionando um jornalismo comprado pelas instituições governamentais e privadas. Os jornalistas radiais em algumas regiões queixam-se de ser jornalistas, vendedores, publicitários e cobradores, tirando-lhes essas atividades tempo valioso para exercer com maior qualidade seu trabalho.

De outra parte, a proliferação de emisoras religiosas em várias cidades tem limitado os espaços para que os jornalistas exerçam sua labor. Assim mesmo, diferentes pressões por parte dos grupos armados têm emergido como uma ameaça real ao exercício cotidiano da profissão. De igual modo, as denúncias de corrupção, que fazem os jornalistas têm-se convertido também em outra ameaça seria contra sua vida. Porém, frente a isso, os jornalistas têm respondido com ações como transformar-se em repórteres anônimos ou privilegiar certa forma de companheirismo que vai mais além da competência pelo furo, e que tem suscitado um fenômeno muito singular do exercício do jornalismo na Colômbia.

Todas essas dinâmicas emergem das diversas pesquisas feitas com jornalistas em cinco regiões do país (caribe, pacífica, andina, amazônica e planícies orientais, e que nos permitem compreender o exercício do jornalismo na Colômbia e do sujeito detrás das notícias. Estamos falando não só de uma forma de conhecimento público, mas de um tipo de narração social e complexa através da qual os meios e seus agentes profissionais dão conta da realidade.

Nas cinco principais cidades do país (Bogotá, Medellín, Cali, Barranquilla y Bucaramanga) a maior parte das informações situam-se no âmbito local, tanto nos meios regionais como na capital do país. Essa tendência ao jornalismo de proximidade é similar em Cali, Medellín e Barranquilla, em tanto nomeiam periferia (cidades do interior, departamentos e zonas rurais), enquanto que a informação emitida em e desde Bogotá é predominantemente urbana, porque se

concentra em seu próprio âmbito e em outras cidades capitais, entretanto que as zonas rurais aparecem escassamente.

Essa fragmentação das agendas registra um país sem sentido integrador de nação, que não dá conta da riqueza cultural e expressiva das regiões, em quanto a tópicos da informação. Outra tendência homogênea é a modalidade de informação que utilizam os noticiários, pois predomina o jornalismo de declarações, estreitamente relacionado com os temas oficiais. Outra modalidade destacada é a informação de resultados, muito ligada a temas de entretenimento e de eventos esportivos, o que indica que desses assuntos se faz cobertura da maneira mais plana e menos criativa: a partir de declarações e releases. Praticamente invisíveis e seu papel de fontes e de sujeitos da informação são os desterrados, as negritudes, os indígenas, os jovens e as minorias sexuais; o que fala de umas agendas informativas muito excludentes.

Os temas nacionais dominantes nas agendas são em primeiro lugar a segurança, na que domina como subtema a criminalidade e não tanto o conflito armado. Resulta curioso também que, em geral para os informativos dos meios, os temas de segurança e conflito armado sejam assuntos de primeira página e titulares; superiores aos temas de política e Estado e aos problemas sociais. Da para perceber que a segurança e o conflito armado seguem sendo um “gancho” para captar as audiências.

Os jornalistas colombianos identificam-se como vedor público desvelado pela equidade informativa e pelas práticas de verificação e contraste da informação, mas essa informação é publicada sem contraste. Porém as audiências prefeririam ser informadas sobre educação, saúde, economia, problemas sociais e cultura, nessa ordem de prioridade; contudo os meios oferecem informação sobre segurança, conflito armado, política, problemas sociais e cultura. É dizer, só satisfazem as expectativas nestes dos últimos temas.

As agendas deixam em evidencia a prática de um jornalismo sedentário, com umas

rotinas profissionais que para nada transgredem as lógicas informativas dos meios. Assim o corrobora o desempenho predominante que dão os jornalistas à notícia e o uso e abuso das declarações como insumo na construção informativa. Pode-se concluir que o perfil informativo das agendas dos meios o constitui uma notícia cuja fonte é “oficial”, sem contraste, elaborada com uma única fonte e cujos assuntos primordiais estão relacionados com o Estado e a Política, a segurança e o conflito armado, e os temas de entretenimento e deporte. Uns meios que não dão conta da riqueza de histórias e da diversidade dos temas da cidade, da região e do país.

Nos povoados e regiões afastadas das grandes cidades o exercício do jornalismo está ainda mais sujeito a qualquer quantidade de atropelos, violações, ameaças, intimidações, coações. Isso devido a que nos meios os jornalistas das regiões dependem completamente das dinâmicas sociais de cada lugar. Assim, funcionários públicos, as forças armadas legais ou ilegais, os empresários ou os caciques, impõem censura aos jornalistas, seja por meio do temor (intimidações, ameaças, etc.), o mediante a coação económica, política o social.

Ao tempo que o país pergunta-se pela memória histórica (Lei de Justiça e Paz, Justiça Transicional e a Lei de Vítimas); o grêmio jornalístico nem os órgãos do Estado preocupam-se por registrar e pôr na agenda pública o caso de jornalistas vítimas da sua profissão, no meio do conflito armado.

Depois de oito anos, do presidente Álvaro Uribe Vélez (2002-2010) quem afirmava que na Colômbia existia uma agressão terrorista contra a sociedade, chegou o atual mandatário dos colombianos, Juan Manuel Santos Calderón, quem reconhece publicamente a existência do conflito armado em nosso país, o que a sua vez se constitui na porta aberta para pensar uma solução política negociada da confrontação que Colômbia padece desde faz não menos de 60 anos.

## Academia e história

No desenvolvimento transcorrido, historicamente ressalta o progressivo aumento das Escolas de Jornalismo no mundo, que chegam a somar hoje diversas centenas nos cinco continentes, segundo os catálogos oficiais da UNESCO. Esse desenvolvimento, que há cristalizado nos tipos mais diferentes de Faculdades, Escolas e Institutos, resultam extraordinariamente complexo, já que a profissionalização do jornalismo, e sobre tudo seu estudo e pesquisa a reflexões acadêmicas, tem que responder a fatores muito diversos: situação cultural de cada país, processo de maturidade da liberdade de expressão, regime político imperante e maturidade política da sociedade, desenvolvimento geral de todos os meios de comunicação, e de modo muito especial, o nível de desenvolvimento geral: econômico, social, cultural, do país de que se trate.

A combinação destes fatores há ido depurando os planos de ensino, a entrada à profissão, o tipo de Faculdades a pôr em marcha e o mesmo Ser Jornalista, que é necessário educar e formar segundo o paradigma que vamos perfilando. Poderíamos dizer que na tradição acadêmica no CAMPO da universidade do jornalismo, este se há constituído em DISCIPLINA que pode ensinar-se e aprender-se em um estudo que pode ser convertido em objeto próprio de uma *Ciência*. Em tal sentido, a evolução dos estudos de jornalismo, se tem visto sujeita a superar e responder a uma série de interrogantes, todos eles muito complexos e nos que está recolhido todo o desenvolvimento dos estudos de jornalismo no mundo.

O jornalismo tem uma longa história e uma produção de conhecimento que permite a pesquisadores sociais “usa-lo” como fonte primordial no estudo da sociedade. Ao dar simplesmente uma mirada panorâmica de esse longo trajeto do *jornalismo na universidade da Colômbia, se poderia sintetizar assim:*

Em 1936, na Colômbia, se iniciam na Universidade Javeriana os CURSOS DE JORNALISMO, dependentes da Faculdade de Filosofia e Letras. Em 1949 é constituída a Escola de Jornalismo com uma duração de dois anos e com o reconhecimento do caráter profissional dos mesmos.

Em cinco de dezembro de 1960 o Conselho Superior da Universidade de Antioquia mediante o Acordo N° 4 cria a Escola de Jornalismo. O oito de fevereiro de 1995, me-



*Esse campo ou sistema aberto que é a disciplina do jornalismo vive contínuas mudanças como produto de ações internas e externas*

dante o Acordo Acadêmico 0023 se criou o primeiro programa, no país, de *Especialização em Jornalismo Investigativo*, que fundou e desenvolveu a *Revista Fólíos*, uma das publicações mais importantes da Colômbia que se dedicou a estudar e pesquisar a narrativa do jornalismo. Em 27 de outubro de 1999, mediante o Acordo Acadêmico 0151 se cria a atual *Graduação em Jornalismo*.

## Mestrado em jornalismo da Universidade de Antioquia

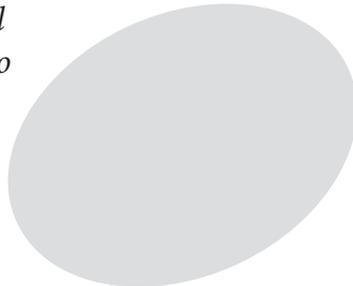
No presente ano iniciamos a criação do Mestrado em Jornalismo da Universidade de Antioquia, que é produto da maturidade de seus 50 anos de experiência na formação profissional de jornalistas, associando o ensino à pesquisa e à extensão na graduação.

A Universidade de Antioquia se há destacado por ser pioneira na implantação e desenvolvimento de uma proposta que sem negar a relação estreita que tem o conheci-

mento do jornalismo com os demais saberes das ciências humanas e sociais, há trabalho seria e consistentemente pela produção profissional de um jornalismo crítico e de serviço a nossa nação.

Das setenta Faculdades em Comunicação registradas pelo Ministério de Educação na Colômbia, cerca de quarenta contam com graduação em jornalismo, o que indica uma demanda de formação de pesquisadores especializados nesta área de conhecimento,

*A convergência digital e o mundo da web não só implicaram uma transformação econômica e tecnológica, eles mudaram a vida social e a política*



que estão interessados por um mestrado de concentração específica.

Além disso, a formação de pesquisadores, o incremento da produção acadêmica da graduação de jornalismo e sua especialização em jornalismo de investigação foram as etapas necessárias para consolidar a posição da Universidade de Antioquia, como polo de referência na pesquisa em jornalismo na Colômbia. E essa consolidação abriu espaço para à realização, também, de pesquisa aplicada em colaboração com o sistema produtivo, ajudando a diminuir a dependência tecnológica e cultural na área.

Ainda que, nossa graduação trabalha sobre princípios teóricos, técnicos, éticos e estéticos profissionais, que refletem sobre a responsabilidade social e domínio de linguagem desde a simples notícia à grande reportagem. Na essência desse ingrediente pedagógico está a ação do docente para descobrir, incitar, provocar, estimular e compartilhar seu conhecimento, na configuração

de um aprendizado conjunto e colaborativo, mas, de igual maneira, é a toma de consciência de quem exerce a labor jornalística, de seu papel como protagonista e mediador nas problemáticas da sociedade.

Consideramos que a Associação Colombiana de Universidades e o Ministério da Educação deverão impulsar o debate acadêmico, determinante em tanto oferece diversas perspectivas de análises interdisciplinar, para encontrar as razões e as possíveis soluções à não aplicação das leis relacionadas com a matéria e a inoperância dos organismos investigativos e judiciais, que tem a seu cargo os processos dos jornalistas ameaçados e assassinados, com o fim de combater a impunidade.

Ao mesmo tempo as universidades, e em particular a Universidade de Antioquia, no marco de sua proposta para o análise teórico e prático do jornalismo, devem oferecer elementos de reflexão não só aos jornalistas, mas em geral a suas comunidades de impacto, para reduzir algumas práticas que limitam com a ilegalidade e contradizem o sentido mesmo da profissão, e que si bem não justificam os ataques, invalidam o discurso que propende pela proteção efetiva do direito dos jornalistas a informar com liberdade e independência. Para esse propósito a graduação em Jornalismo da Universidade de Antioquia criara uma disciplina eletiva dentro de seu currículo, incluindo um observatório permanente para dar seguimento a esse tema.

### **Reconfiguração do campo jornalístico**

Mas a prática do jornalismo se sustenta na sua disciplina que é um campo de produção de significados e com uma complexa inter-relação com as diversas áreas do conhecimento humano. Esse campo ou sistema aberto que é a disciplina do jornalismo vive continuas mudanças produto de ações internas e externas.

Desde a óptica interna nos perguntamos: Quem é o jornalista? Ou, sim se prefere: em

que consiste o exercício profissional do jornalismo? A fim de estudar, analisar e pesquisar com rigor a figura atual do jornalista, empregado da indústria da informação; mas desde a visão externa devemos refletir sobre suas relações com a sociedade, a ética e a ciência, pesquisa que nos permitirá, neste século 21, encontrar, construir e consolidar a identidade de nossa profissão.

A era digital contemporânea nos impôs mudanças na produção informativa que modificaram a forma de estar no mundo e que tem gerado um processo de remodelação da existência humana. É nesse panorama onde o campo jornalístico cumpre um papel estratégico. Por isso, mas que nunca é indispensável repensar a formação específica dos jornalistas e também porque o jornalismo há deixado de ser um ofício para construir sua identidade profissional em fluxo moderno, volátil e flexível, na chamada modernidade líquida, como propõe Zigmund Bauman.

É que a convergência digital e o mundo da web não só implicaram uma transformação econômica e tecnológica, elas mudaram a vida social, a política e as sensibilidades. Entre outros os “lugares”, tempos do trabalho e suas profissões. Produzindo uma diversificação integradora na informação, acesso ao conhecimento e educação, gerando novas formas de narrar os acontecimentos.

Mas ainda que informar segue significando dar forma, também existe a tendência do desaparecimento do jornalismo mais analítico, consistente, de pesquisa e de grande reportagem; colocando-se na pauta diária a “multinformação” ágil e leviana.

Nesse cenário se faz fundamental a busca de novas linguagens nas que faça presença a diversidade de nossos países, sua pluralidade cultural, econômica e política. Realidades que exigem temas novos e criativos tipos de jornalismo que deem conta dos modos de circulação dos saberes em que se apagam as fronteiras entre as ciências e as práticas cotidianas.

Essas transformações na figura e a cultura da profissão do jornalista colocam uma vez mais a necessidade de superar o empirismo romântico que tem sido a ideologia hegemônica por longos anos nas escolas de jornalismo, nas empresas do setor e em muitos dos profissionais consagrados da área.

Os que procuramos um jornalismo socialmente responsável, a partir desse passado, pensamos desde hoje no futuro do ensino da profissão, para que ela se constitua em fonte inesgotável de rigor científico traduzida em mensagens de alta qualidade. A academia, agora mais que nunca, desempenha papel decisivo nos estudos que habilitem aos futuros profissionais para trabalhar com a competência e o critério requerido, que lhes permita analisar e decidir baixo a velocidade, qual é a melhor forma de informar sobre a vida social e humana. Essa educação flexível e criativa deve encontrar o ponto de equilíbrio entre teoria e prática, o conhecimento e a vivência, superando a fase profissionalizante, onde o estudante ache respostas mediante a pesquisa e a busca das noções específicas.

Outro aspecto fundamental é que os jornalistas formados não vejam os meios de comunicação como o único cenário do exercício profissional. Nessa mudança do mundo digital, a sociedade civil tem vindo a cumprir um papel fundamental. Sendo prioritário construir mapas de práticas profissionais que tenham vigência em cada país, com o fim de pôr em evidência as competências que se precisam, assim como quais delas podem ser incorporadas no campo do jornalismo.

### ● Desde onde e como conseguir o equilíbrio?

Esse equilíbrio de que tenho falado talvez se deva procurar no fato da América ser um continente, desde seus inícios, transculturado. Na sociedade do conhecimento essa transculturação se há aprofundado a ritmo de sincretismos e hibridações de toda classe; e as homogeneidades cognitivas e as rotinas

profissionais de outros tempos se quebram e é nesse novo contexto que o jornalismo além de ser ator político e social propõe e faz leituras dos acontecimentos, dos fatos, das ações e das tramas humanas.

Mas é evidente que no universo da convergência digital as estruturas sólidas ou únicas não são transbordadas e essa transculturação se há convertido em hibridação o que nos permitiria falar de transmodernidade, como propõe Magda Rodríguez: “A cultura já não é a matriz universal que atenua as diferenças, mas também não a expressão de um “Volgeist”.<sup>2</sup> A sociedade pós-moderna, via a crítica pós-colonial, pretendeu acabar com esse desprezado universalismo de “homens brancos mortos ou velhos” a favor do multiculturalismo; frente a isto a sociedade da informação globalizada nos oferece um efetivo panorama não *pós* nem *multi*, mas, porém *transcultural*, a modo de síntese dialética, pois inclui em seu seio tanto o impulso cosmopolita quanto as presenças locais mais exíguas.

Denominamos a sociedade da informação “sociedade do conhecimento”, e isto implica um sutil deslocamento epistemológico. Conhecer há sido durante centúrias desvelar, penetrar – não em vão a verdade se entendeu platonicamente como *eletheia* –. Deveríamos prescindir da aparência para chegar à essência, ir mais além dos fenômenos para chegar ao noumênico, encontrar a cifra, a lógica que subjazia aos acontecimentos, a fórmula que nos possibilitará o adequado processo indutivo-dedutivo. Pois bem, agora o critério de correção do conhecimento já não é prescrever a *adequatio* (*intellectus ad rem*), mas porém a *transmissibilidade*. É a sociedade do conhecimento porque se configura e transforma em função da quantidade de conhecimento que *transmite*. O não transferível não conta. Todos, na medida em que

<sup>2</sup> O termo se traduz como “espírito coletivo do povo”, do que emanam decisões não sempre aceitas, mas que dão sustento de legitimidade. Hegel o cunha no cenário da produção artística coletiva como indício de uma maneira do ser estético num tempo e espaço dados (Nota do autora).

sejamos provedores de *software*, consigamos reciclá-lo, utilizá-lo, difundi-lo, aplicá-lo, estaremos em situação de ocupar o posto líder dos avantajados. Ser interativos é dominar os códigos da transmissibilidade; triunfar, obter rendimentos de isto. Se na sociedade industrial a mais-valia gerava a força de trabalho, na sociedade digital o valor agregado o configura o input da *transmissibilidade*.<sup>3</sup>

Essa mudança no conhecimento há transformado o estudo da produção e validação dos saberes humanos. Esse novo cenário epistemológico dos saberes e de reconfiguração dos sistemas de poder e redes de relações sociais, no que se livram as lutas econômicas, políticas e culturais, deixa ao jornalismo em um lugar central e frente ao desafio da formação dos jornalistas que devem assumir as novas velocidades e ritmos sociais recompondo suas próprias alianças e evolução de suas percepções (visões de mundo) para observar outras perspectivas de análise, interpretação e compreensão das realidades atuais.

O que no campo da formação exige planos de estudo mais versáteis, assim como novas instituições e comunidades acadêmicas. Nesse sentido, as ações devem caminhar a concretizar propostas locais para repensar a formação do jornalista, alimentadas pelos diálogos e controvérsias conceituais e metodológicas que se vem gerando no nível mundial.

Venho propondo, em vários cenários, que a partir da noção de transculturação, reelaborada a partir de Fernando Ortiz, por Ángel Rama em *transculturação narrativa*, podemos pensar o ser jornalista que deverá estar em “situação” com sua época. O que nos permite falar e elaborar a noção de *transculturação jornalística*.

Ao elaborar o projeto da transculturação jornalística, os acadêmicos, da área, devemos gerar e ampliar espaços relacionados com nossa formação: criando revistas, edito-

<sup>3</sup> RODRÍGUEZ, Magda Rosa María. *Transmodernidad*, Barcelona, Anthropos, 2004, pag. 31.

ras, revisando os autores clássicos externos e trabalhando para a constituição de uma rede de conhecimento interno dos próprios autores latino-americanos, retomando autores e críticos do passado com intenção de revitalizá-los e criar um sistema jornalístico crítico, a fim de estabelecer e consolidar teorias, metodologias e epistemologias próprias.

Podemos seguir o exemplo da Biblioteca *Ayacucho* que foi instituída pelo decreto executivo N° 407 (de 10 de setembro de 1974) ditado pelo presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez. Biblioteca que nos inícios foi dirigida pelo Ángel Rama e recolheu as mais importantes obras da criação e do pensamento latino-americanos, desde as origens até o presente, cuidadas, prologadas e anotadas por especialistas de reconhecida competência em seus respectivos gêneros.

O livro número 11, *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre com prólogo e cronologia do Darcy Ribeiro e o livro número 42, *Contraponto do Tabaco e o Açúcar* de Fernando Ortiz, da Biblioteca Ayacucho, nos brindam a miscigenação e transculturação que se tem cozinhado em latino-america e que me permitem propor a *transculturação jornalística* em onde nossa identidade constitua um “sistema jornalístico”, onde se conjugam o “jornalista” como mediador social produtor de “narrativas” para seus consumidores, o “público”.

Já que se faz necessário um estudo histórico que registre detalhadamente as diversas variações, dinâmicas e impactos da evolução conceptual e epistemológica que o jornalismo há tido nos planos de estudo das faculdades latino-americanas.

A atividade informativa não é questão de pura prática e sim do rigor da academia de formar melhores profissionais. O panorama atual deve gerar uma nova consciência em quem tem a carga a tarefa de formar jornalistas que se confrontem a uma sociedade ávida de informação clara, veraz, oportuna e responsável.

Para consolidar um jornalismo socialmente responsável, que um dia se constitua

em fonte inesgotável do rigor científico, traduzido em reportagens jornalísticas de alta envergadura. A academia desempenha um papel decisivo na formação humanística e ética, para educar jornalistas com critério, capazes de pôr os avanços científicos ao serviço da sociedade.

O jornalista contemporâneo deve ter o suporte de estudos profissionais que lhe habilitem para trabalhar com a competência requerida. Dentro das várias características de nosso século, há que destacar a pro-



*A universidade não se pode dar o luxo de uma formação deficiente, que treina o jornalista no uso de técnicas, mas não o prepara como ser intelectual*

fissionalização de muitas tarefas que antes podiam desempenhar-se de uma maneira meramente empírica. A este fenômeno não podia subtrair-se a atividade do jornalista, em tanto o papel dos meios de comunicação resulta cada vez mais central e mais importante. A fim de superar a falta de pesquisa, de análise, de notícias contextualizadas, de informação completa.

A universidade não se pode dar o luxo de uma formação deficiente, que treina o jornalista no uso de técnicas, mas não o prepara como ser intelectual, humano, crítico. Esta é uma profissão de vocação, que exige conhecimentos específicos sobre o que se informa e sobre a maneira de transmiti-los.

É por tudo isso que nosso ciber-jornalismo deveria ser um jornalismo transcultural e convergente. Onde a hipertextualidade (interconectar diversos textos digitais), a multimedialidade (texto, imagem, som) e a interatividade (interação) estarão sempre li-

gadas ao que tem mais de significativo nessa rede de informação, o HUMANO SER: que se expressa no jornalista, no mediador, no receptor, no leitor y no cidadão.

Gostaria de terminar com um pensamento de Paulo Freire:

A escola que eu quero é a escola onde tem lugar destacado a apreensão crítica do co-

nhecimento significativo através da relação dialógica. É a escola que incentiva os alunos a questionar, a criticar, a criar; onde se propõe a construção do conhecimento coletivo, articulando o saber popular e o saber crítico-científico, mediados pelas experiências do mundo.

Obrigado.

(artigo recebido dez.2014/aprovado dez.2014)

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidad**. Buenos Aires: Losada, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FUENTES, Carlos. **Valiente mundo nuevo**: Épica, utopía y mito en la novela hispanoamericana. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- FUENTES, Carlos. No hay discurso sin nuestra voz. **VII Foro Iberoamérica**. Ciudad de México. 30 de noviembre de 2006. Discurso.
- GARCÍA, Canclini Néstor. **Culturas híbridas**: estrategias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- GARCÍA POSADA, Juan José. **La dimensión hermenéutica del periodismo**. Medellín: Editorial Universidad Pontificia Bolivariana, 1997.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da Ciência dos Jornais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- LÓPEZ, Fabio. Presentación del Dossier sobre historia de los medios de comunicación social y del periodismo en Colombia. **Revista Historia Crítica**, Bogotá, Universidad de los Andes, n. 28, 2005.
- MARCONDES, Filho Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2000.
- ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978, páginas 96-97.
- OSORIO, Vargas Raúl y Medina Gonzalo. **Informe impunidad y prensa en Colombia**. Medellín: Universidad de Antioquia, 2011. Disponível em: <[http://www.impunidad.com/PDF\\_conferencia\\_puebla/06.UdeA.pdf](http://www.impunidad.com/PDF_conferencia_puebla/06.UdeA.pdf)>. Acesso em: nov. 2014.
- OSORIO, Vargas, Raúl. Pesquisa: compreensão da teoria do jornalismo (contribuições colombianas). **Brazilian Journalism Research**, Brasil: v. 9 Nº 1, 2013. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/493>>. Acesso em: nov. 2014.
- PULITZER, Joseph. **Sobre periodismo**, Espanha: Gallo Nero, 2011.
- RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**, México: Siglo XXI Editores, 1982.
- RODRÍGUEZ, Magda Rosa María. **Transmodernidad**, Barcelona: Anthropos, 2004.
- ROVEDA, Antonio. **Las Facultades de Comunicación Social y el Periodismo**: entre la incertidumbre de la cientificidad y la claridad de las prácticas, Caldas-Antioquia: Revista Lasallista de Investigación, volumen 2, número 2, 2005.
- UNESCO. **Plan modelo de estudios de periodismo**. Congreso Mundial sobre Enseñanza del Periodismo, Unesco, Singapur, junio de 2007.
- WEBER, Max. **Para una sociología de la prensa**. Max Weber y Susana Kehl Wiebel. Reis: Revista Española de Investigaciones Sociológicas, Nº 57, Monográfico acerca de: El cambio social y transformación de la comunicación, enero-marzo 1992, páginas 251-259.